

AVALIAÇÃO: UMA PRÁTICA EM BUSCA DE NOVOS SENTIDOS

EVALUATION: A PRACTICE IN SEARCH OF NEW MEANINGS

EVALUACIÓN: UNA PRÁCTICA EN BÚSQUEDA DE NUEVOS SIGNIFICADOS

Charlene Spadotto de Oliveira

Email: charlene.spadotto@educacao.mg.gov.br

Universidade de Uberaba

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-6275-8222>

Tiago Zanqueta de Souza

E-mail: tiago.zanqueta@uniube.br

Universidade de Uberaba

ESTEBAN, Maria Teresa *et al.* **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. 6. ed. atual. São Paulo: De Petrus, 2022. *E-book* (134p.).

Maria Tereza Esteban é Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, atuando na Graduação em Pedagogia e no Programa de Pós -Graduação em Educação, nos cursos de Mestrado e Doutorado. Na obra “Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos”, em sua 6ª edição, publicada na versão e-book em 2022, Esteban e demais autores discutem diferentes ângulos da avaliação escolar.

No primeiro texto “A avaliação no cotidiano escolar”, Esteban (2022) lança uma reflexão profunda sobre a avaliação no contexto educacional, questionando por que a avaliação continua sendo um tema tão relevante, mesmo após inúmeras discussões e propostas. Para ela, a avaliação só faz sentido quando considerada como parte de um debate mais amplo sobre o fracasso escolar, seus mecanismos e a possibilidade de reverter esse quadro, especialmente para crianças das classes populares que frequentemente experimentam o fracasso.

A autora argumenta que o fracasso escolar está enraizado em negações múltiplas, incluindo a negação da legitimidade de conhecimentos e formas de vida que estão fora dos limites socialmente aceitos. A falta de um sistema educacional que atenda às necessidades das classes populares e permita que diversas vozes sejam ouvidas e incorporadas é vista como um dos principais motivos para o desperdício de potencial humano. Aponta que estamos em um

momento de tensão entre continuidade e ruptura no debate sobre a avaliação e que devemos decidir se continuamos com abordagens quantitativas superficiais ou se buscamos construir uma perspectiva verdadeiramente democrática de avaliação. Faz um levantamento de questões importantes, como os objetivos das alternativas propostas, as concepções que as sustentam e se o interesse atual pela avaliação resulta em transformações significativas ou apenas em reformas teóricas e práticas superficiais. Assim, destaca a necessidade de uma nova cultura de avaliação que vá além da técnica e incorpore uma dimensão ética.

As alternativas para a redefinição da avaliação oscilam entre três perspectivas. A primeira perspectiva não abandonou a ideia de que a avaliação deve ser um instrumento de controle, adaptação e seleção, ainda que esse controle ocorra de maneira menos visível e a seleção seja resultado de um processo mais abrangente, considerando a complexidade do sujeito e sua posição na hierarquia social. A segunda perspectiva busca romper com o sistema de controle e segregação, mas ainda não definiu claramente os aspectos-chave que precisam ser transformados. Portanto, propõe modificações superficiais que, apesar de aparentemente indicarem mudanças profundas, não conseguem efetivamente alterar a abordagem tradicional de avaliação e uma terceira perspectiva em construção, baseada na ideia de uma avaliação democrática. Nessa abordagem, a avaliação faz parte de uma pedagogia multicultural que enxerga a escola como um espaço de cruzamento de culturas. Essa perspectiva visa substituir a lógica da exclusão pela lógica da inclusão, valorizando a heterogeneidade real e promovendo um diálogo efetivo entre diferentes conhecimentos e perspectivas.

No segundo texto “A avaliação e suas implicações no fracasso/sucesso), Garcia (2022) apresenta uma análise crítica e profunda sobre a avaliação, destacando sua evolução histórica e suas implicações no sucesso ou fracasso acadêmico. A autora inicia contextualizando a avaliação como uma prática antiga, inicialmente denominada exame, cujo objetivo era selecionar e controlar, favorecendo alguns em detrimento de outros. Ela cita Marx e Bourdieu para discutir como a avaliação se tornou um instrumento de legitimação do conhecimento e de reprodução das desigualdades sociais. Garcia também ressalta a visão de Foucault sobre a avaliação como uma forma de normalização e controle social, iniciada no sistema educacional francês e posteriormente adotada globalmente.

Garcia (2022) discute as contribuições de pensadores como Comenius e La Salle para a evolução da avaliação, com Comenius enfatizando a importância de uma abordagem pedagógica que permite a todos aprenderem, enquanto La Salle via a avaliação como uma

supervisão permanente. A autora aponta para as consequências dessas abordagens até os dias atuais, criticando sistemas de avaliação que se focam excessivamente nos resultados, negligenciando o processo de ensino-aprendizagem. E conclui que a avaliação deve ser entendida como parte de um processo dialógico entre ensino e aprendizagem, onde tanto o educador quanto o aluno têm papéis ativos e influenciam um ao outro. A autora defende uma abordagem mais holística e integrada à avaliação, que reconheça a complexidade do processo educacional e promova o desenvolvimento efetivo dos alunos, ao invés de apenas classificá-los com base em resultados de exames. Este entendimento da avaliação como um processo colaborativo e construtivo é essencial para superar as práticas tradicionais que frequentemente contribuem para o fracasso, ao invés de fomentar o sucesso acadêmico.

A autora destaca as contribuições de pesquisadores como Ángel Diaz Barriga e Maria Tereza Esteban, que propõem modelos alternativos de avaliação. Esses modelos enfatizam a importância de abordagens pedagógicas que valorizem o processo de aprendizagem, a colaboração, e a construção coletiva do conhecimento, desafiando as práticas tradicionais de avaliação baseadas em exames e provas.

Ela defende uma segunda ruptura epistemológica na avaliação, onde a prática avaliativa se torna um espaço de diálogo, reflexão, e desenvolvimento mútuo entre professores e alunos, ajudando a construir uma educação que verdadeiramente contribua para o desenvolvimento humano e social.

O terceiro texto "Uma polêmica em relação ao exame", Barriga (2022) argumenta que os exames refletem concepções sobre a aprendizagem e não são o motor para transformar o ensino. Além disso, ele critica como a política educativa neoliberal influencia a qualidade da educação, valorizando a eficiência em detrimento da equidade. Barriga (2022) examina a história do exame como uma construção social e política, não como uma necessidade inerente à prática educativa. O autor descreve o exame como um espaço social onde ocorrem várias inversões, transformando problemas sociais em questões técnicas. Esta abordagem reducionista ignora as complexas relações sociais e políticas que influenciam a educação, focando em vez disso em aspectos técnicos como objetividade, validade e confiabilidade. Essa perspectiva instrumental, segundo Barriga, é inerentemente conservadora, pois busca manter o status quo ao invés de questionar ou transformar as práticas educacionais existentes.

Por fim, Barriga (2022) apela para uma reavaliação fundamental do papel da avaliação na educação. Ele defende uma abordagem mais holística e reflexiva que reconheça a aprendizagem como um processo dinâmico e multifacetado, que não pode ser adequadamente

capturado por métodos de avaliação simplistas e reducionistas. Ao fazer isso, ele sugere a necessidade de repensar e reestruturar os sistemas de avaliação de maneira a promover uma educação verdadeiramente inclusiva e emancipadora.

No quarto texto “Escola pública, comunidade e avaliação. Resgatando a avaliação formativa como instrumento de emancipação”, Afonso (2022) também discorda sobre a influência do neoliberalismo nas políticas educativas, enfatizando a importância de uma educação pública de qualidade que seja financiada pelo Estado e que promova aprendizagens significativas. Afonso (2022) argumenta contra a falsa dicotomia entre democratização do acesso à educação e a qualidade do ensino, ressaltando que é possível e necessário oferecer uma educação de qualidade a todos, sem exceção. Ele critica a visão estigmatizante que associa alunos de classes sociais desfavorecidas à incapacidade ou à falta de necessidade de aprender conteúdos considerados complexos ou avançados. Neste sentido, Afonso (2022) propõe a avaliação formativa como uma ferramenta de emancipação, capaz de promover aprendizagens significativas e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ele apela para que educadores e professores continuem lutando por uma educação pública que seja prioritariamente financiada pelo Estado, garantindo que a escola cumpra seu papel de promotora de direitos e formadora de cidadãos conscientes, críticos e participativos.

No quinto texto “A cartilha Caminho Suave não morreu: MEC lança sua edição revista e adaptada aos moldes neoliberais”, Geraldi (2022) discute as implicações da educação no contexto neoliberal, destacando o lançamento de uma nova edição da cartilha “Caminho Suave”, adaptada aos moldes neoliberais, como um símbolo das transformações na política educacional brasileira. A autora utiliza a metáfora da ponte de Marco Polo para ilustrar a complexidade da avaliação nacional, sugerindo que as reformas educacionais contemporâneas, especialmente os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), representam uma tentativa sofisticada de padronização do ensino que não necessariamente atende às necessidades reais dos estudantes ou da sociedade.

A autora enfatiza a necessidade de uma educação que seja verdadeiramente inclusiva e democrática, capaz de preparar os alunos não apenas para o mercado de trabalho, mas também para participar ativamente de uma sociedade democrática. Geraldi questiona quem está pensando o futuro da educação e adverte que, na ausência de um planejamento educacional que leve em consideração as necessidades da sociedade e dos indivíduos, são os grandes grupos econômicos internacionais que acabam por definir as diretrizes da educação, com foco na eficiência e na produtividade em detrimento de valores como a emancipação e a solidariedade.

E no sexto e último texto, Loch (2022) discute a transformação das práticas avaliativas em uma Rede Municipal de Ensino (RME) em Porto Alegre, buscando superar modelos conservadores e excludentes por meio de uma proposta progressista voltada para as classes populares. Este movimento, apoiado pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) desde a segunda gestão administrativa, visa integrar a escola à totalidade social e fomentar a conscientização de seu papel dentro dessa totalidade. O Projeto Constituinte Escolar, desenvolvido em 1994-1995, é apresentado como o resultado dessa reflexão coletiva e ação prática, destacando-se por sua abordagem inclusiva e interativa de promoção dos sujeitos educacionais.

Loch (2022) aborda as práticas avaliativas dentro da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, destacando uma mudança significativa em direção a um modelo de avaliação mais inclusivo, participativo e voltado para o desenvolvimento dos estudantes. A estrutura curricular proposta pela administração é organizada por ciclos de formação, visando a superação das práticas excludentes e a promoção de uma abordagem pedagógica progressista e inclusiva. A avaliação formativa, uma das modalidades destacadas, acontece ao longo do processo educativo, permitindo ajustes e intervenções pedagógicas que favoreçam o avanço dos estudantes. O laboratório de aprendizagem é mencionado como um espaço de investigação dos processos cognitivos dos alunos, oferecendo apoio adicional e contribuindo para o desenvolvimento de alternativas didático-pedagógicas.

A proposta defendida por Loch rejeita a avaliação como julgamento e promove a inclusão, o diagnóstico e a promoção dos sujeitos, em linha com uma concepção de educação comprometida com a formação cidadã, ética e solidária.

Em síntese a obra nos revela profundas reflexões acerca da avaliação, traça rumos que possam ser significativos ao processo de ensino e aprendizagem tais como a avaliação formativa.

REFERÊNCIAS

ESTEBAN, Maria Teresa *et al.* **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. 6. ed. atual. São Paulo: De Petrus, 2022. *E-book* (134p.).